

Mulheres Machadianas: Submissão e resistência

Camila dos Santos Santiago
Cláudia Melo da Silva
Milaine Santos Farias
Ronara Vieira do Nascimento Mota

Resumo: *Este artigo tem por objetivo analisar as mulheres machadianas e sua postura em face às posturas dicotômicas, à submissão e resistência frente à sociedade de seu tempo. Até o século XIX, a sociedade brasileira era marcada pelo estabelecimento e regência da ordem patriarcal, enquanto a mulher, só era requisitada no que dissesse respeito à procriação e às conveniências sociais, já que até então, o casamento era, geralmente, um acordo de interesses econômicos. Porém, ao observarmos os trabalhos de Machado de Assis, perceberemos que, ao contrário da realidade da época, a participação feminina se dava de maneira ativa. Suas personagens cumpriam papéis importantes e determinantes, para a sequência da história da sociedade a que pertencia. Esse estudo se dará pela análise de uma obra da fase romântica de Machado, Helena, além de duas outras, referentes à segunda fase (realista), Dom Casmurro e Memórias Póstumas de Brás Cubas. Valores, condutas e comportamentos serão considerados e comparados, entre as próprias personagens, a fim de constatar as diferentes possibilidades de ações e reações de cada uma delas. Com base em teóricos de Almeida, Beauvoir, Priore e Romanelli, entre outros, analisaremos em cada obra a personagem feminina central e algumas secundárias observando as analogias entre elas, através de suas atitudes. Se em determinadas ocasiões nos depararmos com personagens, subordinadas e idealizadas, posteriormente, observaremos personagens ambíguas e resistentes às imposições sociais, do período realista. Assim, visualizaremos a maneira com que este autor agiu nesses dois períodos tão importantes da literatura brasileira, que foram o Romantismo e o Realismo, podendo assim, apontar os contrastes existentes entre estas personagens e sua época.*

Palavras-chaves: *mulher, submissão, resistência e sociedade.*

Introdução

Joaquim Maria Machado de Assis, cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, romancista, crítico e ensaísta, um dos maiores escritores do país e um mestre da língua portuguesa. Em seus romances, sempre nos presenteia com a figura da mulher. Suas personagens femininas já foram objeto de inúmeros estudos. Deste modo, as mulheres e seus amores são uma temática constante na obra deste escritor.

Este artigo tem como objetivo investigar a postura da mulher machadiana perante a sociedade do século XIX, período de transição do romantismo para o realismo. Os valores relacionados à família e ao casamento de diferentes mulheres serão conferidos e o

comportamento da mulher da primeira fase, *Helena*, que será contrastado com as da segunda fase, Eugênia, Virgília, Capitu, D. Glória e D. Fortunata.

Por meio da figura de Helena (*Helena*) e de D. Glória (*Dom Casmurro*), Machado nos apresenta personagens que retratavam bem a relação patriarcal, na qual a mulher depositava toda sua perspectiva de vida no casamento. Sendo submissa a esse modelo social, até mesmo pelo fato de não ter expectativas melhores, a mulher estava condicionada a se portar sempre de forma gentil e obediente.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, temos Virgília, personagem que também se submete ao casamento, no entanto, procede de maneira diferente do que se espera de uma senhora casada. E no romance *Dom Casmurro*, nos deparamos com Capitu e D. Fortunata, mulheres casadas, porém, ousadas, além disso, sutilmente distintas das anteriores.

Assim, podemos verificar que Machado traz para seus romances a delicada situação das mulheres de um tempo em que, apesar de viverem presas a valores sociais, também atuavam na construção daquela sociedade. Se, em determinadas ocasiões, nos depararmos com personagens, subordinadas e idealizadas, posteriormente, observaremos personagens ambíguas e resistentes às imposições sociais, do período realista. Desta forma, poderemos apontar os contrastes existentes entre estas personagens.

A Sociedade Patriarcal do Século XIX

Ao observarmos o passado, podemos perceber que a história das mulheres é marcada pelo estabelecimento e regência da ordem patriarcal. Ainda quando crianças eram ensinadas a serem mães e esposas. Sua educação limitava-se a aprender a cozinhar, bordar, costurar, enfim, realizar tarefas estritamente domésticas, já que a elas foi negado o direito à educação formal. Eram vistas como frágeis, por isto, passíveis do domínio machista.

No século XIX, em meio às transformações decorrentes, sobretudo, da industrialização e urbanização ocorridas nos Estados Unidos e Europa, ideias civilizadoras foram fomentadas por grupos sociais, que idealizavam a educação e a religião, como estratégias na relação de poder, para impor um comportamento social individual e coletivamente aceitável. Neste sentido, o sistema patriarcal legitimado ao longo da história pela religião cristã, é responsável em grande parte, pelas práticas sociais que naturalizaram o papel da mulher, restringindo-a ao espaço da casa e favorecendo o exercício do poder masculino em detrimento do feminino, como podemos notar no seguinte trecho:

O mundo sempre pertenceu aos machos. (...). Já verificamos que quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma delas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher (BEAUVOIR, 2009, p.99).

Ainda nesse período, a sociedade brasileira também passou por diversas mudanças no processo de urbanização, com a consolidação do capitalismo e a ascensão da burguesia. Segundo Priore (1997), a mulher aparece nas relações da chamada família patriarcal, restrita apenas ao ambiente doméstico. A sociedade esperava da mulher um comportamento ideal, com uma educação cuidadosa, além da responsabilidade pela reprodução e da função de mãe. Durante esta época, nota-se a sujeição da mulher à religião, à sociedade e aos homens, estes que detinham total poder e controlava o meio social, já as mulheres se mantinham no espaço doméstico, sempre dependentes de seus maridos.

Notamos também que, ao longo da história da emancipação feminina, é possível pensar que a educação e a religião são fatores importantes que contribuíram para evolução e progresso da mulher brasileira na busca do seu espaço social. Por isso, a relação entre oposição e conformação pode ser vista como estratégias de participação da mulher nas relações sociais que, embora conflituosas, baseiam-se em tensões entre o estabelecido, num movimento quase cego, invisível que só pode ser visto à medida que o tempo de longa duração vai passando e delineando a história da civilidade destas mulheres.

O Perfil de Helena (*Helena*)

Helena, é um romance da primeira fase de Machado de Assis. Nessa fase, sua narrativa ainda é bem linear, com começo meio e fim representando um romantismo pouco lírico. O narrador observador descreve a tragédia vivida pela personagem central, que dá nome à obra, mostrando como essa mulher vivia submissa a uma sociedade paternalista e altamente machista.

Essa obra está no contexto de século XIX, e, segundo os estudos de Priore (1997), neste período, a mulher da elite tinha suas obrigações: viver para o lar, seu único destino; casar-se; cuidar dos filhos e do marido, além de zelar pelo comportamento da família.

No romance, a protagonista Helena não era de origem nobre, mas, foi reconhecida em testamento como filha do conselheiro Vale, homem rico e de posição social confortável. Ao

ter um caso amoroso com uma mulher separada, adota a filha dessa senhora, como se fosse sua. Vejamos o trecho, abaixo:

O conselheiro declarava reconhecer uma filha natural, de nome Helena, (...) Esta menina estava sendo educada em um colégio de Botafogo. Era declarada herdeira da parte que lhe tocasse de seus bens, e devia ir viver com a família, a quem o conselheiro instantaneamente pedia que a tratasse com desvelo e carinho, como se de seu matrimônio fosse (ASSIS, 1975, p. 5).

Aqui, fica evidente o adultério cometido pelo conselheiro, pois ele reconhece em testamento uma moça, dizendo que esta é sua filha. Sem poder contestar, a família do falecido aceita essa suposta herdeira. Vemos assim, como a sociedade valorizava a vontade masculina, pois, todos tiveram que aceitar essa condição sem contestar, inclusive, a própria Helena.

É o que faz nossa protagonista Helena, ela silencia e aceita as condições que lhe são impostas sem questionar, e a partir daí terá que enfrentar uma sociedade preconceituosa, que se fecha para não aceitar pessoas de classe inferior. Contudo, é uma personagem que, apesar de conhecer sua atual posição social, não apresenta interesse em ascender socialmente. Helena, assume o papel de filha do conselheiro Vale, por submissão, a este e ao seu verdadeiro pai, Salvador, que desejava vê-la protegida.

Sendo assim, na companhia de sua nova família, Helena passa a ser submissa a seu meio-irmão, Estácio, uma vez que ele não consentia que ela saísse sozinha, ou fizesse coisas que ele não aprovasse, e em tudo esta o obedecia. A própria moça afirma, nesse trecho que “*queria passear algumas vezes a cavalo; não era possível sair só*” (ASSIS, 1975, p. 22). E em outro trecho Estácio repreende até mesmo um livro que ela quer ler:

— Fui procurar um livro na sua estante.
— E que livro foi?
— Um romance.
— Paulo e Virgínia?
— Manon Lescaut.
— Oh! Exclamou Estácio. Esse livro...
— Esquisito, não é? Quando percebi que o era, fechei-o e lá o pus outra vez.
— Não é livro para moças solteiras. (ASSIS, 1975, p. 19)

Percebemos aqui que Helena não contraria a vontade do irmão. Mas ela sabia fazer suas escolhas, obedecendo quando era preciso. Vale ressaltar também que Helena possui as características da mulher romântica do século XIX, através da descrição do narrador. Observemos:

Era dócil, afável, inteligente (...). Havia nela a jovialidade da menina e a compostura da mulher feita, um acordo de virtudes domésticas e maneiras elegantes (...). Era pianista distinta, sabia desenho, falava correntemente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos feminis. (ASSIS,1975, p. 13)

Todas essas prendas que as mulheres aprendiam tinham somente um propósito: o casamento, mesmo a mulher nobre. Segundo Fazzolari, (2009) existia em Minas Gerais um eixo moralizador de acordo com bispado de Diamantina, que determinava os papéis sociais conferidos às mulheres, como por exemplo, elas deveriam

Amar o marido respeitá-lo como seu chefe, adverti-lo com discrição e prudência: calar quando o vir irritado; tolerar com paciência seus defeitos, ser prudente e mansa, paciente e carinhosa com toda a família, E suas qualidades reconhecidas eram a pureza, a benevolência, a paciência, a doçura, a dedicação, o pudor e a modéstia (FAZZOLARI, 2009, p.52).

É importante destacar que, além de ser submissa ao pai, ao irmão, ao marido, e ao sistema social, a mulher era totalmente submissa à Igreja. De acordo com Almeida (2007, p.105) “*as mulheres educadas segundo os postulados católicos levariam o lar cristão a se tornar verdadeiramente fiel à Igreja e disseminariam seus dogmas*”. E na obra temos o padre Melchior, que sempre estava auxiliando a família e principalmente as mulheres, tendo uma relação muito próxima com Helena.

Entretanto, aos poucos, Helena vai conquistando o amor da família e das pessoas ao redor, com sua inteligência ela passa a conquistar a afeição de D. Úrsula que, a princípio resistia em aceitá-la. No trecho seguinte, constatamos a cena em que Helena cuida de D. Úrsula, quando esta se encontra enferma, fato que mostra sua total dedicação à sua nova família, além de ser também uma forma dela se aproximar mais de D. Úrsula.

Helena era naquela ocasião a natural enfermeira. Pela primeira vez patenteou-se em todo o esplendor a dedicação filial da moça. Horas do dia, e não poucas noites inteiras, passava-as na alcova de D. Úrsula, atenta a todos os cuidados que a gravidade da enferma exigia. Os remédios e o pouco alimento que esta podia receber, não lhe eram dados por outras mãos. Helena velava à cabeceira, durante o sono leve e interrompido da doente, (ASSIS, 1975, p. 34).

Helena, conseguia se sair bem em qualquer situação e nestes dias ela também mostrou sua competência para cuidar da casa:

(...) no meio das ocupações e preocupações daqueles dias, não fez padecer um só instante a disciplina da casa. Ela regeu a família e serviu a doente, com igual desvelo e benefício. A ordem das coisas não foi alterada nem esquecida fora da alcova de D. Úrsula; tudo caminhou do mesmo modo que antes, como se nada extraordinário se houvesse dado, Helena sabia dividir a atenção sem a dispersar. (ASSIS, 1975, p. 34).

Ela era uma mulher prendada que possuía os dotes da família conservadora, contudo, também tinha seu lado emancipatório, questionava e tentava colocar suas ideias, mas o modelo patriarcal era ainda muito forte e ela não conseguiu mudar. No trecho abaixo, temos uma opinião de Helena sobre o casamento:

(...) Paixões de largos anos, chegando ao casamento, acabam muitas vezes pela separação ou pelo ódio, quando menos pela indiferença. O amor não é mais que um instrumento de escolha; amar é eleger a criatura que há de ser companheira na vida, não é afiançar a perpétua felicidade de duas pessoas, porque essa pode esvair-se ou corromper-se. Que resta à maior parte dos casamentos, logo após os anos de paixão? Uma afeição pacífica, a estima, a intimidade. Não peço mais ao casamento, nem lhe posso dar mais do que isso (ASSIS, 1975, p.61).

Nestas palavras identificamos a visão pouco romântica em relação ao casamento, da heroína da história. Ela não menciona aqui o sonho de viver um amor e nem esperava do casamento amar e ser amada. Em sua visão, o casamento não passava de um jogo de interesses, e em relação ao seu amor por Estácio, ela não vê possibilidades de haver sua concretização. Mesmo havendo um sentimento forte entre ambos, ela contribui com o casamento dele com outra moça, além de aceitar também casar-se com outro.

São muitas as pressões que Helena poderia enfrentar, se ela revelasse sua condição verdadeira, então preferiu sofrer e não enfrentar a sociedade. Permaneceu sem reação, até se afundar nos acontecimentos, morrendo em silêncio. Mais uma vez percebemos a submissão de Helena, dessa vez ao sistema social, visto que, prefere a morte, que lutar por seu amor e enfrentar os preconceitos que iriam aparecer.

A única saída possível para tantas pressões seria a morte (...). Helena é transformada em vítima de um universo fechado, a família patriarcal à qual não consegue se integrar (...) Ela abdica de tudo, da herança do amor de Estácio e da sua própria vida, em favor da honra e da dignidade pessoais (WANDERLEY, 1996 p. 74,77,84)

Portanto, entendemos que Helena representa o lado desfavorecido da sociedade, o qual não poderia jamais ascender socialmente. Desse modo, Machado de Assis tenta mostrar como era rígida a hierarquia social brasileira dessa época, na qual a mulher vivia submissa aos valores de uma sociedade patriarcal.

Os Perfis de Eugênia e Virgília

Esta é uma obra da segunda fase machadiana, um marco inicial do realismo. A partir desse trabalho, o foco central é a forma como seus personagens vêm e sentem as circunstâncias em que vivem, caracterizando o interior dos personagens, os seus problemas existenciais. Aqui, Machado irá inquirir a respeito da sociedade, sobretudo a brasileira, no que tange o papel da mulher nessa nova fase machadiana.

Nesta obra Machado expõe as contradições de seus personagens e suas visões de mundo. Ele discute a sociedade e os valores, tendo em vista a realidade brasileira. O narrador deste livro é Brás Cubas, um defunto que protagoniza a história, e já inicia a narrativa contando os detalhes de seu funeral, para depois relatar os acontecimentos de sua vida desde até a infância, um morto que narra sua vida do fim para o começo. Vejamos:

Algun tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor (...) (ASSIS, 1957, p. 12).

Neste contexto, analisaremos a submissão feminina na sociedade daquela época analisando esses aspectos nas personagens Virgília e Eugênia que, diferentemente das mulheres machadianas da primeira fase (romântica), conformadas e sentimentais, as mulheres da segunda fase (realista), agem de acordo com os próprios interesses, é a mulher das aparências da família burguesa.

A ideologia burguesa mantinha as mulheres no seu espaço doméstico, sendo este espaço desejado e buscado por elas, para que assim assumam e reconheçam seu lugar e papel na sociedade. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, observando as personagens femininas

Eugênia e Virgília nota-se que são, em parte, submissas a este sistema social. Elas reconhecem seu lugar na sociedade, no entanto, buscam fazer o que desejam, sem perder sua imagem feminina ideal.

Na personagem Eugênia percebe-se uma submissão quanto às classes sociais. Uma jovem de dezesseis anos, filha de uma amiga da família e pobre, com quem Brás Cubas envolve-se por conta de sua beleza e a deixa pelo fato de ela ser coxa. Eugênia, segundo o autor é fruto do adultério de D. Eusébia, sua mãe, e a deficiência da menina seria a condenação pela culpa.

Cubas seria para Eugênia uma forma de ascensão social através do casamento, porém ela reconhece sua posição e mantém-se no seu lugar.

Eugênia desataviou-se nesse dia por minha causa. Creio que foi por minha causa, — se é que não andava muita vez assim. Nem as bichas de ouro, que trazia na véspera, lhe pendiam agora das orelhas, duas orelhas finamente recortadas numa cabeça de ninfa. Um simples vestido branco, de cassa, sem enfeites, tendo ao colo, em vez de broche, um botão de madrepérola, e outro botão nos punhos, fechando as mangas, e nem sombra de pulseira. (ASSIS,1957 p. 71)

Antes de descer para o Rio de Janeiro e retornar a sua vida social, Brás colhe o primeiro beijo de Eugênia. Após este episódio, o narrador a chama de dissimulada. Enquanto Eugênia entrega-lhe o primeiro beijo, vendo neste a hipótese de superar as privações de sua classe, Brás Cubas pensa no episódio da moita, no Vilaça e D. Eusébia, identificando na pobre moça sua condição inferior.

No entanto, Machado vê em Eugênia a mulher dissimulada daquela época, ele não rouba o beijo, mas é Eugênia que lhe entrega “*candidamente (...), como um devedor honesto paga uma dívida*” (ASSIS,1957, p. 73), e diante da mãe faz com que ela não suspeite de nada, “*que dissimulação graciosa!*” (ASSIS,1957, p. 73).

Nesta obra, a imagem da mulher do século XIX é construída como fossem dissimuladas, como nos diz Ribeiro (2008) ele denuncia a falsidade intrínseca de suas personagens femininas. Virgília, a única mulher que Cubas amou, cumpre seu papel de submissão na sociedade é a mulher fiel, mãe exemplar, no entanto, é amante e adúltera. Brás Cubas casar-se-ia com Virgília, filha de um político, através dela então se tornaria deputado ou ministro, porém ela casa-se com Lobos Neves e garante assim seu status de mulher na sociedade.

Posteriormente, Virgília se torna amante de Brás, em que os dois passam a se encontrar, escondidos em uma casinha. Virgília constrói um caráter dissimulado, o que o

narrador irá atribuir às demais personagens femininas. Ela tem um bom casamento, possui uma postura familiar, status social de respeito e ao mesmo tempo vive a infidelidade conjugal.

De acordo com Ribeiro (2008) entre a fidelidade, o que se espera da mulher na sociedade, e o adultério, está a dissimulação feminina. Virgília realiza seus desejos públicos e íntimos, é a mulher manipuladora e calculista, que satisfaz seus prazeres, sem prejuízo para a vida familiar, nem abdicar de seu status social. Uma mulher capaz de artifícios e sacrifícios para gozar de modo satisfatório seus direitos e desejos.

Ao fazer uma proposta a Virgília para que fujam e possam viver juntos o amor que sentem um pelo outro, sem incômodo, Virgília não concorda. Não quer romper com o sistema social, sua reputação e privilégios e, portanto, conserva ambas vantagens, o grande amor que sentia por Brás e seu status social e consideração pública.

Vi que era impossível separar duas coisas que no espírito dela estavam inteiramente ligadas: o nosso amor e a consideração pública. Virgília era capaz de iguais e grandes sacrifícios para conservar ambas as vantagens, e a fuga só lhe deixava uma. (ASSIS,1957 p. 106)

Portanto, de acordo com Ribeiro (2008), Virgília “*vive uma marginalidade moral, legal e social*”. Diante dos padrões sociais que defendem a fidelidade no casamento, Virgília se submetia de forma parcial à sociedade, pois, se por um lado cumpria com convenções, por outro, rompia ocultamente com os valores de sua classe. Deste modo, tanto Eugênia como Virgília são mulheres que apresentam um caráter dissimulado, capazes de fingirem para alcançar ou manter *status* que desejam, sem deixar, de se “acatarem” algumas convenções sociais.

Os perfis de Capitu, D. Fortunata e D. Glória

O romance *Dom Casmurro* vem expor a progressão da mulher na sociedade. Após algumas sinopses desse fenômeno em seus trabalhos acima mencionados, Machado traz agora a personalidade feminina que marcará não apenas na literatura, mas que influenciará diretamente, no tocante aos comportamentos, conceitos e valores de várias gerações.

Nessa obra, as figuras femininas desempenham papéis de destaque. Capitu, uma das protagonistas, representa a resistência, a mudança, já a Dona Glória, sua sogra, é a mulher dócil que, conformada com a sua situação, leva a vida como “deve ser”, além de D. Fortunata, que até poderia ser comparada a mulher moderna, decidida e coerente, trabalha ao lado do

marido, o Sr. Pádua, pai de Capitu. A partir dessas personagens, analisaremos as condutas impressas nas atuações dessas mulheres.

As ações da personagem Capitu, chamam atenção pela sua audácia e “inteligência amorosa”. A audácia pode ser percebida quando, mesmo antes de se casar, a amada de Bentinho, mesmo ainda moça, foi capaz de desviá-lo do sacerdócio, que era o destino traçado pela sua mãe, D. Glória Santiago. Aliás, não por acaso a menção dessa senhora na obra, a mãe de Bentinho é uma viúva que ilustra coerentemente a mulher idealizada pela sociedade.

Cheia de honras e pudores, D. Glória cumpriu suas “obrigações” de mulher, casou-se com o senhor Pedro de Albuquerque e Santiago e, ao que parece, teve um casamento bem sucedido, conforme conta o próprio filho ao ver um retrato antigo dela junto ao seu falecido pai, afirmando *“aqui os tenho aos dois bem casados de outrora, os bem-amados, os bem-aventurados, que se foram desta para a outra vida, continuar um sonho provavelmente”* (ASSIS,1955, p. 27).

Mesmo após a morte do marido, a Senhora Santiago permaneceu a exercer funções que cabiam a uma mulher em suas condições. Viúva e financeiramente abastada, D. Glória não poderia viver sozinha, apesar de ter um filho, este, porém, ainda era criança. Como nos diz Ribeiro (2008), ela se preocupava em transparecer a todos que eram “gente de bem”, por isso, convida a seu irmão e sua prima para morarem juntos e, dessa forma, constituírem uma família de acordo com os moldes tradicionais, mantendo a presença masculina como exemplo de ordem, segurança e respeito do lar.

Em contrapartida, Capitu, tem em sua casa a figura de um pai frágil e dependente de uma mulher, no caso, D. Fortunata, sua mãe. Psicologicamente desequilibrado, o Sr. Pádua seguramente não viveria sem sua esposa, já que

Pádua era empregado em repartição dependente do Ministério da Guerra. Não ganhava muito, mas a mulher gastava pouco, e a vida era barata. Demais, a casa em que morava assobradada como a nossa, posto que menor era propriedade dele. Comprou-a com a sorte grande que lhe saiu num meio bilhete de loteria, dez contos de réis. A primeira idéia do Pádua, quando lhe saiu o prêmio, foi comprar um cavalo do Cabo, um adereço de brilhantes para a mulher, uma sepultura perpétua de família, mandar vir da Europa alguns pássaros, etc.; mas a mulher, esta D. Fortunata que ali está à porta dos fundos da casa, em pé, falando à filha, alta, forte, cheia, como a filha, a mesma cabeça, os mesmos olhos claros, a mulher é que lhe disse que o melhor era comprar a casa, e guardar o que sobrasse para acudir às moléstias grandes. (ASSIS,1955, p. 14).

Nessa situação especificamente, temos a ideia de como é a Senhora Pádua, uma autêntica dona de casa, forte e centrada, uma esposa que agiu como se fosse o “homem da casa”, diante das adversidades.

Para tal ação, pressupõe que a mãe de Capitu, talvez, possuísse algum conhecimento financeiro, mesmo que essa ciência não tenha sido aprendida na escola, evidentemente, porém, sugere que ela tinha certa liberdade, com consentimento do marido. Inclusive, não é a única mulher que o domina, até D. Glória já o repreendeu, quando este ameaçava suicidar-se após perder o posto de administrador interino.

Um fator que também pode ter contribuído com essa abertura dispensada pelo pai de Capitu às mulheres, é o fato de que sua família estava longe de ter tradição, não tinham outras posses, além da casa. Alguns gestos como o de priorizar o patriarcalismo não tinham muito efeito entre a população menos abastada (Priore, 1997). O próprio Bentinho enfatiza o quanto o Sr. José Dias deprecia o Sr. Pádua, veja:

A gente Pádua não é de todo má. (...) Pádua tem uma tendência para gente reles. Em lhe cheirando a homem chulo é com ele. Não digo isto por ódio, nem porque ele fale mal de mim e se ria, como se riu, há dias, dos meus sapatos acalcanhados (ASSIS,1955, p. 22).

Essa depreciação, por parte do Sr. José Dias, é a desaprovação à postura apática do pai de Capitu. Não bastasse isso, o Sr. Pádua também era pobre, outro fator suficientemente capaz de fazê-lo não merecedor de honras do agregado. Priore (1997) nos esclarece que os costumes alinhados, eram heranças decorrentes do imaginário aristocrático português, não tinha qualquer influência sobre a população mais pobre.

Enquanto, a opinião do agregado pode ser comparada ao conceito patriarcal, as personagens Bentinho, Escobar e o Sr. Pádua, se apresentam como homens que, de certa forma, se preparam para a emancipação feminina, talvez, não de propósito. Em todo o tempo, Bentinho faz questão de descrever o Sr. José Dias de maneira como um indivíduo preso às ideias conservadoras, através principalmente do seu excesso de formalidades, observe:

José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às idéias; não as havendo, servia a prolongar as frases. (...) Così-me muito à parede, e vi-o passar com as suas calças brancas engomadas, presilhas, rodaque e gravata de mola. Foi dos últimos que usaram presilhas no Rio de Janeiro, e talvez neste mundo. Trazia as calças curtas para que lhe ficassem bem esticadas. (ASSIS,1955, p. 5).

Ao contrário do agregado, Escobar demonstra grande admiração por Capitu, tanto que constrange o próprio Bentinho em um momento, vejamos:

- Quando contei isto a Sanchinha, concluiu ele, ficou espantada: “Como é que Capitu pode economizar, agora que tudo está tão caro?”
 - “Não sei, filha; sei que arranjou dez libras.”
 - Vê se ela aprende também.
 - Não creio; Sanchinha não é gastadeira, mas também não é poupada; o que lhe dou chega, mas só chega.
- Eu, depois de alguns instantes de reflexão:
- Capitu é um anjo!
- Escobar concordou de cabeça, mas sem entusiasmo, como quem sentia não poder dizer o mesmo da mulher. (ASSIS, 1955 p. 189).

Já o Sr. Pádua, sempre muito passivo, parecia ter se acostumado a ser influenciado e manipulado pelas mulheres que o cercavam.

Ante o exposto, talvez tenhamos encontrado algumas das razões pelas quais a amada de Bentinho se tornou uma mulher tão forte. Capitu, a figura feminina central da obra tinha próxima a ela, uma figura “frágil” e dócil que era D. Glória, e em sua própria casa, uma mulher esplêndida, que era a sua mãe, submissa até certo ponto, porém, muito racional e equilibrada.

Considerações finais

Tendo em vista a análise das obras, podemos perceber que o período de transição entre o Romantismo e o Realismo se deu de forma gradativa, pois de certa forma, as mulheres realistas, traziam consigo resquícios das mulheres submissas do período romântico. As mulheres machadianas, ainda que presas aos valores de uma sociedade burguesa e machista sabiam avançar e recuar quando necessário.

Na obra *Helena*, a protagonista tem um perfil de mulher que foi preparada para ser sempre obediente, boa esposa e mãe cuidadosa, uma espécie de “rainha do lar”, contudo, Machado já com o pé no realismo, nos dá uma personagem um pouco contraditória, pois, Helena já possuía um pensamento a frente de seu tempo, e apresentava uma opinião mais realista do que romântica da situação em que vive, e também já temos um caso de amor que não se concretiza, ou seja, não há um final feliz.

Nas obras da segunda fase, o que mais reflete é uma mulher mais ousada, que luta por seus ideais mesmo que não sejam bem interpretadas, pois suas conquistas não se dão abertamente. Cada uma delas vai tecendo, aos poucos, seus objetivos e de forma perspicaz tornam-se mulheres desprendidas de certos valores sociais.

Diante do exposto, podemos observar as analogias entre diferentes personagens da obra de Machado. Assim, percebemos através das mulheres machadianas, que embora elas

tenham vivido períodos de opressão, tiveram que enfrentar a sociedade de sua época, tornando-se mulheres corajosas, dotadas de pensamentos inovadores. Não obstante, essa evolução não foi exclusividade da literatura, pois abrangeu toda nossa sociedade.

Referências consultadas

ALMEIDA, Jane Soares de. *Ler as Letras: por que educar meninas e mulheres?* Universidade Metodista de São Paulo: Campinas: Autores Associados, 2007.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1955. 446p. (Obras Completas de Machado de Assis).

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1957 425p. (Obras completas de Machado de Assis).

ASSIS, Machado de. *Helena*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. 232 p. (Edições críticas de obras de Machado de Assis).

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Tradução Sergio Milliet. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009

FAZZOLARI, Cláudia. *Entre Esposas e Mulheres*. In revista. *Discutindo Literatura Especial*. Editor Escala n 01, 2009

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis,

MESQUITA, Zuleika (org.). *Evangelizar e Civilizar: Cartas de Martha Watts, 1881-1908*.

PILLETTI, N. *História da Educação no Brasil*. São Paulo: Ática, 1994.

PRIORE, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

RIBEIRO, Luis Filipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitário – Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

ROMANELLI, O.O. *História da educação no Brasil*. São Paulo: Vozes, 1998.

SCHWARZ, Roberto. *Um Mestre na Periferia do Capitalismo - Machado de Assis*. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades / Ed. 34, 2001.

WANDERLEY, Márcia Gavendish. *A Voz Embargada: Imagens da Mulher em Romances Ingleses e Brasileiros do século XIX*. São Paulo. Ed. da universidade de SP, 1996.

XAVIER, Therezinha Mucci. *A personagem feminina no romance de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.